

JESUANE SALVADOR

**VALEI-ME, SÃO BENEDITO!
A HISTÓRIA DA CONGADA EM POÇOS DE CALDAS**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES
ASSOCIADAS DE ENSINO – UNIFAE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO
São João da Boa Vista – SP**

2006

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES
ASSOCIADAS DE ENSINO – UNIFAE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

VALEI-ME, SÃO BENEDITO!

A HISTÓRIA DA CONGADA EM POÇOS DE CALDAS

JESUANE SALVADOR

Relatório Técnico do Projeto Experimental, modalidade livro-reportagem, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, sob a orientação da professora Ms. Maria do Socorro Furtado Veloso.

São João da Boa Vista – SP

2006

FOLHA DE APROVAÇÃO

O presente trabalho foi examinado, nesta data, pela banca examinadora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de São João da Boa Vista – UNIFAE:

Nome do professora da banca

Nome do professora da banca

Profª Ms. Maria do Socorro Furtado Veloso
Orientadora

Profº Ms Camilo Antônio de Assis Barbosa
Coordenador

MÉDIA FINAL: _____

DATA: ____/____/ 2006.

RESUMO

O livro-reportagem *Valei-me, São Benedito! – A história da Congada em Poços de Caldas*, além de apresentar um folgado de tradição popular, pretende falar da história do negro no Brasil, na visão dos congadeiros. Relatando experiências de vida, os personagens demonstram a luta enfrentada para o reconhecimento e respeito das tradições negras em terras dominadas pelos coronéis do café. As particularidades da dança dramática na cidade, como a presença dos índios, representados pelos grupos de caiapós, são especialmente abordadas no livro, já que em poucas regiões do Brasil notas-se a presença indígena em manifestações da cultura negra. O objetivo da obra é contextualizar historicamente a Festa de São Benedito, onde se apresentam os grupos de Congada, além de servir de instrumento de registro e valorização da cultura popular negra em Poços de Caldas.

Palavras-chave: Congada - Poços de Caldas - São Benedito

SUMÁRIO

Introdução	6
1. Fundamentação Teórica	8
2. História da Congada	10
3. Metodologia de Trabalho	12
3.1. Entrevistas	12
4. Descrição do Produto	14
4.1. Linha Editorial	14
4.2. Organização e Análise de dados	14
4.3. Projeto Gráfico	15
4.4. Público Alvo	16
4.5. Custos	16
5. Considerações Finais	17
6. Referências Bibliográficas	18

Introdução

Já no primeiro dia de faculdade, lembro-me da questão feita por todos os professores ao entrarem na sala de aula: Por que você escolheu o jornalismo? Entre tantas respostas, sabia que a minha seria um pouco piegas, mas, como toda paixão é piegas, entendia também que alimentar de amor minha motivação podia me tornar uma profissional dedicada.

Sempre fui fortemente atraída pelas histórias humanas, todas. Quando tinha cerca de 11 anos conheci Vanessa, menina alegre, mirrada, de olhos desconfiados e fome constante. Ela devia ter seis anos nessa época, e morava em um barraco com sete irmãos e a mãe. Eu gostava de observá-la porque Vanessa vivenciava as histórias que, nos noticiários, pareciam apenas tristes filmes da realidade imediatista da televisão. Ela me ensinou que existem muitas formas de se dizer a mesma coisa e que a verdade passa, antes, pela interpretação de quem a conta. Ela vivia a realidade mostrada nos telejornais e eu, o romantismo de acreditar que deveria optar por uma profissão na qual pudesse, de alguma forma, contribuir para a sociedade. Acredito que o jornalismo aconteceu para mim quando a conheci. Eu desejei, um dia, contar histórias humanas e ser honesta em minhas interpretações.

O factual, no entanto, sempre foi algo que me preocupou. A indústria cultural dita regras imediatistas e até mesmo a notícia torna-se produto de consumo rápido, “fast food”. A cultura popular, que sempre exerceu sobre mim verdadeiro fascínio, perde espaço para a valorização da notícia como espetáculo. Mas, de acordo com Kovach e Rosenstiel (2004, p.23), a finalidade do jornalista é levar informação às pessoas para que estas sejam capazes de se auto governarem.

Ao atuar como repórter em Poços de Caldas, compreendi a necessidade de um trabalho que registrasse a relevância dos 102 anos da Congada na cidade, já que a história do folgado representa também a história cultural do negro na região sul-mineira.

A escassez de estudos específicos sobre o tema foi o primeiro desafio. Os trabalhos de historiadores estão sempre ligados à questão mais ampla do folclore brasileiro e percebi, então, a enorme responsabilidade que teria: eu seria a primeira pessoa a escrever um livro especificamente dedicado à história da Congada em Poços de Caldas, que descreve também a história do negro no sul de Minas Gerais.

O cuidado, então, foi redobrado para que o contato com cada entrevistado, cada livro ou arquivo documental lido, cada fotografia, CD ouvido ou site pesquisado trouxessem informações que pudessem ser valiosas não apenas para mim, como também para aqueles que virão a ler este trabalho.

Tive o cuidado de manter os relatos dos congadeiros exatamente como me foram apresentados. Nesse sentido, as falas não passaram por correções ortográficas. Para ser também fiel à religiosidade, à força de cada gestual dos bailantes, às cores, sabores e a todo o clima que envolve a Festa de São Benedito, fiz uso de narrativas. Trechos de canções ou de falas rituais dos congadeiros, de documentos antigos, assim como de músicas da Congada em outras regiões de Minas Gerais abrem cada capítulo, como que fazendo uma apresentação daquilo que o texto tratará.

1. Fundamentação Teórica

O processo de coleta de informações para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso obedeceu a critérios jornalísticos de pesquisa. A produção de pautas e entrevistas com fontes pré-determinadas, entre outros mecanismos, é um dos requisitos fundamentais para o desenvolvimento adequado de um livro-reportagem.

Segundo Kotscho (2000, p.11), o repórter deve garimpar o assunto que trabalha e não se ater apenas ao conteúdo básico da informação. Para tanto, é necessário que o profissional compreenda que o processo de entrevistas depende, em primeiro lugar, de uma relação de confiança entre as partes. Segundo Medina (2002), para ultrapassar a rigidez da técnica e transformar a entrevista em diálogo é necessário que haja maior intimidade entre as partes. Ao falar de cultura popular, minha primeira barreira foi a da compreensão mútua. Os congadeiros são pessoas simples, muitas delas analfabetas e, neste sentido, foi necessário conquistar a confiança dos grupos e acompanhar o cortejo em todos os momentos, visitando, inclusive, as casas dos personagens, onde se sentiam mais à vontade para falar. Minha intenção era obter o máximo de detalhes.

Diz Medina:

“(…)quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU. Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento que os perturbou, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível”. (2002, p.7)

Festas populares são repletas de cores, música, movimento. Para trazer vivacidade ao texto foi necessária a proximidade com o texto literário em alguns momentos da obra:

“(…) A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa à literatura, seria aperfeiçoando meios sem porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, de outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o *new journalism*”. (LIMA, 2004, p.146)

Para o aprofundamento do tema, a modalidade escolhida para este TCC foi o livro-reportagem:

“(…) o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse ‘grau de amplitude superior’ pode ser entendido no sentido de maior ênfase de

tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja à combinação desses dois fatores” (LIMA, 2004, p.15)

Devido à sistemática escolhida, este trabalho é classificado como “livro-reportagem-história”, de acordo com a definição de Lima (2004, p.46):

“Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados. *Olga*, de Fernando Morais, é um bom exemplo”.

A produção deste livro-reportagem está embasada no artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. A lei diz que “todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

O Código de Ética dos Jornalistas (texto aprovado no XIX Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em São Paulo em 1985) também foi respeitado durante a execução deste trabalho, tendo destaque os seguintes artigos:

I – DO DIREITO À INFORMAÇÃO

(...)

Artigo 1º - O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.

II – DA CONDUTA PROFISSIONAL DO JORNALISTA

(...)

Artigo 7º - O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

III – DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL DO JORNALISTA

(...)

Artigo 11 – O jornalista é responsável por toda informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros.

Artigo 14 – O jornalista deve tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar.¹

¹ Disponível em http://www.fenaj.org.br/Leis/Codigo_de_Etica..htm. Acesso em 12 de abril de 2006

2.História da Congada

Em Minas Gerais, durante o ciclo do ouro (final do século XVII e início do XVIII), a intensa exploração do minério acabou por concentrar na região um grande número de escravos, o que pode explicar o porquê do bailado ser, nos dias de hoje, mais comum neste Estado.

Para os negros, as figuras de São Benedito, de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Rosário identificaram-se com divindades africanas. A presença do batuque, do canto e da dança, também aceitos pelos colonizadores, oferecia o sincretismo necessário a um rito religioso com influências da África. Todos esses elementos permitiram que, por volta do século XVIII, a Congada se difundisse em todo país, representando muito da cultura brasileira herdada da África. Contudo, a maioria dos autores não admite a existência de nenhum outro ritual parecido no continente africano. A Congada nasceu no Brasil.

No CD *O congado mineiro*², Edmilson de Almedida Pereira – doutor em comunicação e cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – define a Congada como o desafio dos pobres, mestiços e negros de celebrar o sagrado a partir de diferentes linguagens. Os devotos do Congo dizem-se católicos, mas as vivências religiosas herdadas de tradições africanas – como formas rituais, cultos aos antepassados e processos específicos de iniciação – torna o congado um sistema religioso que, em alguns momentos, se aproxima do catolicismo, mas em outros se distancia.

Em Poços de Caldas, os ternos de Congos (grupos) se apresentam acompanhados pelos de Caiapós. Esta característica torna a celebração especial na cidade, já que em poucas regiões do Brasil se observa a participação de bailantes (pessoas que comemoram o dia santo através da dança dramática) que representam a figura do índio em comemorações marcadas pela cultura negra. De acordo com relatos de integrantes dos dois grupos, os índios, em muitos momentos, se solidarizavam com a condição escrava do negro, já que também sofriam a imposição da cultura europeia trazida pelos colonizadores. Os congadeiros relatam que, nas fugas, os escravos eram auxiliados pelos índios, que, muitas vezes, lhes davam abrigo. Dessa forma, particularmente em Poços de Caldas, negros e índios comemoram o dia de São Benedito, que também marca o dia da libertação dos escravos no Brasil.

² CD “*O congado mineiro*”, da coleção Itaú Cultural.

No entanto, a data não recebe adesão na totalidade das comemorações da Congada no país. De acordo com o músico mineiro e pesquisador Gilvan de Oliveira, a abolição no Brasil foi de caráter econômico e, por isso, a maioria dos movimentos negros prefere celebrar Zumbi dos Palmares ou as festas dos rosários, a comemorar o 13 de maio.

Apesar das diferentes formas de apresentação, a Congada mantém, em sua essência, vários elementos. Mais que um bailado, um componente do folclore brasileiro ou um rito religioso, ela representa o desejo de manter vivas as diferentes identidades culturais que compõem a real identidade brasileira.

De acordo com Fonseca (2004, p.10), a Congada chegou a Poços através do negro Herculano Cintra que, pela devoção a São Benedito, iniciou um movimento pela construção da primeira igreja do santo, na cidade, no ano de 1902:

“(…) Analisando registros históricos do poder legislativo de Poços, vemos que a Câmara Municipal naquela época autorizou Herculano de Araújo Cintra a edificar uma capela para São Benedito na praça do cemitério velho (...). A primeira Festa de São Benedito que se tem documentada, data de 1904 e realizada no dia 13 de maio, já com os grupos culturais: congada, moçambique e caiapó”.

3. Metodologia do Trabalho

As pesquisas destinadas a este livro-reportagem começaram em maio de 2005, com a definição do tema e o acompanhamento de todos os 13 dias de Festa de São Benedito, em Poços de Caldas. Este período foi de suma importância para o contato com os congadeiros, que, em um primeiro momento, sentem-se extremamente tímidos. Cerca de 300 fotos foram tiradas durante este processo.

Os congadeiros forneceram endereços e então iniciei a etapa de visitas, já que a complicação das informações colhidas neste livro-reportagem é fruto de diversas entrevistas com cada personagem. Com este material em mãos, em abril de 2006, dei início as pesquisas bibliográficas e documentais.

Em maio de 2006, acompanhei, pelo segundo ano consecutivo, os treze dias de Festa de São Benedito. Como o contato com os ternos de congos e os grupos de caiapós já havia me proporcionado a confiança dos integrantes, a segunda etapa de acompanhamento da Festa foi em clima de amizade. Os congadeiros estavam mais á vontade e não se incomodaram com as fotos, o que deu ao segundo arquivo de fotografias (que contém cerca de 200 documentos), naturalidade.

Entrevistas

O método escolhido para a abordagem das fontes foi a entrevista frente-a-frente, ou seja, me encontrei pessoalmente com todos os entrevistados, à exceção de Frei Chico van der Poel, membro da Academia Mineira de Folclore e uma dos maiores pesquisadores da congada no Brasil. Os contatos com ele foram feitos através de telefonemas e e-mails.

Segundo Lage (2004), a entrevista presencial é a maneira mais eficaz de ouvir as fontes:

“A resposta remete à complexidade dos fatores envolvidos em uma conversa. O resultado do encontro entre duas pessoas depende bastante da avaliação que uma faz da maneira como a outra está recebendo suas mensagens. A proximidade física permite uma aferição de resposta – um *feedback* – rápida, visual e auditiva, corriqueira, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança”. (2004, p.79)

Ainda com base em Lage (2004), utilizei dois tipos de entrevistas: a temática e a testemunhal:

Temática – aborda um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer. Geralmente, consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos. Pode servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com argumento de autoridade (avaliação pelo entrevistado) etc. (...)

Testemunhal – trata-se do relato do entrevistado sobre algo do que ele participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações. Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas”. (2004, p. 74-75)

4. Descrição do Produto

4.1. Linha Editorial

O título e subtítulo do livro foram escolhidos depois de um *brainstorm* (tempestade de idéias). O título *Valei-me São Benedito* resume, de maneira subjetiva, a intensidade da devoção dos congadeiros, que é descrita no livro. O subtítulo *A história da Congada em Poços de Caldas* centra a pesquisa no objeto.

A linguagem trabalhada no livro foi a mais coloquial possível, tendo em vista o amplo público ao qual se destina este trabalho, que vai de congadeiros a pesquisadores. Neste sentido, o livro-reportagem não segue a estrutura de identificação dos entrevistados, adotada nas reportagens padrão. Quando refere-se aos congadeiros e caiapós, o texto não os identifica pelos sobrenomes. O primeiro nome é mantido, assim eles preferem ser chamados.

Como defende Werneck (2004), “ao se valer de instrumentos da narrativa de ficção, o bom jornalista, longe de querer embonitar seu texto, está empenhado numa indispensável empreitada da sedução – sem a qual corre o risco de simplesmente não ser lido”. (p.525)

As fotos não foram legendadas, mas o trabalho fotográfico aconteceu durante a Festa de São Benedito. Todas as fotos foram feitas por mim.

4.2. Organização e Análise de dados

A organização dos dados foi realizada por meio da coleta e transcrição das declarações gravadas e análise do material coletado.

Os sete capítulos do livro foram organizados de modo a envolver o leitor em momentos diferentes propostos pelo texto. Como, além de registrar as particularidades da congada em Poços, o livro pretende oferecer subsídio histórico ao leitor, os capítulos passeiam entre o passado e o presente.

O primeiro capítulo é iniciado pela narração dos fatos que marcam o dia de missa conga, na Igreja de São Benedito. Dois momentos são mostrados: a calma e o silêncio trazido nas orações dos que participam da celebração católica e a “tensão” provocada pela chegada de um grupo de Caiapós. Um salto histórico é proposto no texto, que explica as origens da Congada, da África a Poços de Caldas.

O segundo capítulo informa os primeiros registros históricos da Festa de São Benedito, trazendo ainda relatos que podem induzir à comprovação de preconceito sofrido

pelos negros, na cidade. Traz, também, entrevistas que relatam a separação ocorrida entre os católicos brancos e os negros, com a construção de duas igrejas: a de São Benedito e a de Nossa Senhora da Saúde, que foi levantada de costas para a igreja freqüentada pelos negros.

O processo associativo religioso adotado pelos negros, no Brasil, é demonstrado no capítulo três, que fala da fusão de elementos que contribuíram para a aceitação dos santos cristãos por parte dos negros, através do sincretismo.

O quarto capítulo fala da convivência entre o sagrado e o profano na festa de São Benedito. Traz a vivacidade característica das festas populares de cunho religioso, sempre regadas a farta culinária, bingos, jogos e brincadeiras infantis.

As roupas, os cânticos, os instrumentos musicais e as particularidades de cada terno de congos e caiapós é demonstrada no quinto capítulo, que fala dos universos independentes adotados por cada grupo, em torno da devoção a São Benedito.

A história da Congada é narrada pelos próprios personagens, responsáveis pela perpetuação dos ritos de adoração a São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, no capítulo seis. É a congada na visão dos congadeiros.

O sétimo e último capítulo narra os ritos religiosos e seus significados sagrados. O texto pontua fatos importantes ocorridos entre o primeiro e o grande dia do festejo de São Benedito - o 13 de maio, quando acontece a missa conga. Neste sentido, o livro-reportagem toma um aspecto “cíclico” – ou seja: o livro termina com o mesmo acontecimento que marca seu início. Esta linguagem foi adotada para remeter o leitor à continuidade dos festejos congos.

4.3. Projeto Gráfico

Formato: 17,5 cm x 25 cm

Papel de capa: Couchê, gramatura 240, impressão colorida, plastificada

Papel das páginas internas: Impressão PxB em papel sulfite, gramatura 75

Papel das fotografias: Couchê, gramatura 150

Fonte do título da capa: Arial Black, corpo 56

Fonte do subtítulo da capa: Arial Black, corpo 16,5

Fonte do texto e Prefácio: Garamond, corpo 13, entrelinhamento 1,5

Fonte dos Títulos dos capítulos: Garamond, corpo 18, negrito

Fonte dos subtítulos dos capítulos: Garamond, corpo 16, itálico

Fonte das legendas: Arial, corpo 12

Software usado para diagramação: Adobe Page Maker 7.0

Número de capítulos: sete

Número de Páginas: 83

Impressão: G.Ad. Comunicação (Poços de Caldas – MG)

4.4. Público Alvo

O livro é dirigido a pesquisadores, estudantes, a todos os interessados no assunto e, em especial, aos congadeiros.

4.5. Custos de produção

Entre gastos com impressão de 3 exemplares, transporte e todos os custos para a elaboração deste livro-reportagem, o custo deste projeto foi de cerca de: 700 reais.

5. Considerações Finais

Falar sobre cultura popular em um país onde a indústria cultural dita as regras, transformando a notícia em produto, não é tarefa das mais simples. Toda a dedicação a este livro ampliou meu entendimento com relação ao papel social da imprensa.

Quando trabalha registrando todos os fatos que são relevantes à sociedade, a mídia cumpre tarefa importante na manutenção da história de um país. O jornalismo oferece ao profissional mecanismos para o questionamento e a apuração de fatos que, a partir de conceitos éticos, oferecem uma interpretação da verdade. Embora muitos autores clássicos tenham pesquisado e escrito sobre religião, seu estudo, assim como o das festas populares, não é considerado prioritário no Brasil.

Para o povo, entretanto, religião e festas são temas importantes. A rotina diária é interrompida pela organização ou a participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica desta rotina. A elaboração deste livro-reportagem demonstra como muitas vezes faz-se necessária a “quebra de protocolos”. Quando o assunto é cultura popular, a coleta das informações mais ricas depende de dedicação e ampliação da visão imposta pelos recursos formais, como o do lead e das questões usuais: onde, quando e porquê. Muitas vezes, o correto é a imprecisão. É reportar a história como ela é acreditada e vivida pelos personagens.

A abolição do negro no Brasil é ainda recente. Com pouco mais de um século de libertação da escravatura, o respeito à história e à cultura desse povo ainda dá seus primeiros passos.

Com isso, o jornalista que está comprometido com o registro dos acontecimentos relevantes tem que se libertar da ditadura das manchetes e, muitas vezes, garimpar a informação sem estar preocupado com a notícia como objeto de impacto instantâneo.

A cultura popular raramente ocupa lugar nas manchetes dos jornais, mas é ela a responsável pela perpetuação da história de um povo, sem a influência de interesses econômicos ou políticos. Este trabalho tem a pretensão de contribuir para a compreensão do papel do jornalista, que vai muito além do de um profissional sempre preocupado com as informações que lhe renderão reconhecimento pelo impacto causado na sociedade.

O jornalista é, antes de tudo, um “registrador” e deve ter comprometimento também, com a informação que caminha contra o sensacionalismo. A informação deve contribuir com a educação e ampliar o senso crítico. A informação deve, também, ter comprometimento com a relevância dos movimentos culturais de pobres e negros.

6. Referências

- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte – MG: Itatiaia, 1982.
- BRANDÃO, C. R. **A festa do santo de preto**. Goiânia: GO.FUNARTE/ Universidade Estadual de Goiás, 1985.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa : Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.
- FONSECA, Alexandre. **100 anos de registros históricos da Festa de São Benedito**. Poços de Caldas – MG: Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, 2004.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2000.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri – SP: Manole, 2004.
- LOPES, Ney. Bantos, **Malês e Identidade Negra**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias Históricas de Poços de Caldas**. Poços de Caldas : Sulminas, 2002.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Santos do Povo Brasileiro**: Poços de Caldas : Sulminas, 2000
- MOURÃO, Mário. **Síntese Histórico-Social**. Poços de Caldas: 1952.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo, Companhia das Letras, 2001

TALESE, Gay. Fama & Anonimato. São Paulo: Cia. das Letras, 2004

Sites consultados

<http://www.sobresites.com/candomble/artigo2.htm>

<http://www.proec.ufpr.br/mae/mae.htm>

<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/congadorigem.htm>

<http://www.degeo.ufop.br/Portugues/OuroPreto/relig.htm>

<http://www.microservicenet.com.br/Srita/Comunidades/redentor.htm>